

A competitividade do cacau baiano frente ao comércio internacional

*Patrick Leite Santos**

*Antonio Wisney Pedrosa Cavalcante***

*Luís Abel da Silva Filho****

Resumo: As relações de produção inerentes à atividade agrícola brasileira sempre tiveram forte ligação com a dinâmica do mercado internacional. A produção cacauzeira no sul da Bahia não foge a esses aspectos. Nesse artigo, analisaremos a inserção do cacau baiano no comércio internacional. Para tanto, foram utilizados dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-Web), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) nos anos de 1997 a 2011. Adicionalmente, foram construídos os índices de vantagens relativas e de competitividade revelada para observar o comportamento da produção do estado no comércio internacional. Os resultados mostram que a Bahia apresenta vantagens relativas nas exportações de cacau ao longo dos anos considerados. A competitividade revelada mostrou-se, porém, ameaçada com desvantagem elevada em quase todos os anos da série estudada.

Palavras-chave: Vantagens comparativas; competitividade revelada; cacau; Bahia.

Classificação JEL: F00; F01.

* Graduando em Economia Pela Universidade Regional do Cariri - URCA;

** Graduando em Economia Pela Universidade Regional do Cariri - URCA;

*** Professor do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri - URCA; Bolsista Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA.

1 Introdução

As relações econômicas internacionais entre os países são marcadas por um profundo debate teórico que perpassa as relações de produção e se amplia na órbita do desenvolvimento e da constituição de mercados para a comercialização de produtos e serviços. Os mercantilistas já viam essas relações como forma de elevar e manter as relações de poder do soberano conjugadas às necessidades de elevar o saldo na balança comercial e de acumular riqueza.

Com a expansão das relações capitalistas de produção, os países necessitavam desenvolver relações comerciais que permitissem a geração de riquezas capazes de manter o nível de importações, sobretudo de produtos que não fossem de fabricação interna. Nesse sentido, os pressupostos ricardianos defendiam as relações comerciais entre países a partir das vantagens comparativas na produção.

De sorte que os países deveriam especializar-se na fabricação de produtos que apresentassem vantagens comparativas de custos e, com isso, comprar aqueles produtos de menor habilidade na produção e não conseguissem produzir a baixo custo. Assim, desenvolver-se-iam as relações de troca com os demais produtores de outros países.

Ao longo da evolução da teoria econômica, muitas correntes orientaram a participação mínima do Estado e a livre relação dos mercados como norteadores da política econômica interna e a expansão das relações econômicas internacionais. Todavia, as crises econômicas ocorridas em todo o mundo permitiram a orientação do debate à ótica intervencionista do Estado e a promoção de ajustes estruturais nas relações econômicas internacionais.

Nesse escopo, barreiras foram utilizadas para proteção do mercado interno, e várias estratégias de inserção de inúmeros produtos foram orientadas via políticas alfandegárias. O setor agropecuário encontrou, em todo o mundo, uma série de políticas de proteção e inserção de excedente no mercado internacional. No caso brasileiro, as políticas de inserção de produtos agrícolas sobretudo foram amplamente defendidas em toda a sua história econômica.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a competitividade do estado da Bahia na exportação de cacau, atividade econômica agropecuária de grande relevância durante anos de inserção no mercado internacional. Para tanto, recorre-se a dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) para os anos de 1997 a 2011.

Para atingir o objetivo proposto, o artigo está assim estruturado: além destas considerações iniciais, a segunda seção aborda uma breve discussão acerca do comércio internacional de produtos agrícolas brasileiros; em seguida, a terceira seção trata das exportações da Bahia, levando-se em consideração o cacau; na quarta seção, fazem-se algumas considerações metodológicas necessárias à compreensão do artigo; na quinta seção, apresentam-se os índices de vantagens relativas e competitividade revelada; e, por último, tecem-se

algumas considerações finais.

2 Considerações sobre o comércio internacional e de produtos agrícolas brasileiros

A performance brasileira no comércio internacional de produtos agropecuários apresentou bom desempenho ao longo dos anos. Fatores como a expansão da fronteira agrícola conjugados às inovações tecnológicas no campo permitiram ganhos de escopo e de escala (Balsadi, 2009). A produção brasileira para o mercado internacional apresentou-se significativa, sob essa conjuntura.

A abertura da economia nacional nos anos de 1990 sinalizou maiores possibilidades de inserção de nossa produção agrícola no mercado internacional, assim como a entrada de vários produtos no mercado interno. Além disso, a partir de 1999, a significativa desvalorização do real frente ao dólar norte-americano proporcionou maior escoamento da produção nacional para o mercado externo.

Estudos realizados no Brasil, sobretudo para o mercado de produtos agropecuários, demonstraram a grande capacidade de inserção da produção brasileira no mercado internacional, seja por bloco econômico específico, seja para os principais parceiros comerciais do Brasil (Caldarelli *et al*, 2009; Waquil *et al*, 2004; Vicente, 2005), dentre outros. Por essa ótica, o setor agropecuário brasileiro tem sido um grande propulsor das relações externas no comércio mundial.

Em relação ao comércio mundial brasileiro, a taxa de crescimento das exportações entre 1997 e 2011 foi acentuadamente elevada. O Brasil registrou crescimento de 383,3% das exportações contra 278,7% das importações. Essa performance lhe permitiu maior inserção no mercado internacional ao longo desses anos. Adicionalmente, faz-se pertinente destacar que, durante os anos de 1997 a 2000, o Brasil apresentou déficit na balança comercial, tendo apresentado melhor desempenho no comércio exterior a partir de 2001 (ALICE-Web/MDIC, 2012).

Em relação ao estado da Bahia, proposta central deste estudo, o crescimento foi muito mais expressivo. A taxa de crescimento das exportações foi de 489,9% entre 1997 e 2011, e a das importações bem inferior, não obstante haver atingido 385,0% no mesmo período. Vale destacar que, apenas nos anos de 2000 e 2001, a balança comercial foi deficitária, mostrando, sobretudo, melhor performance em relação ao crescimento das exportações de todo o país (ALICE-Web/MDIC, 2012).

Em relação ao comércio brasileiro de cacau, a taxa de crescimento das exportações mostrou-se negativa em 63,2%. No que concerne às importações de cacau, a taxa de crescimento foi de 348,6% entre 1997 e 2011. Destaque, por oportuno, que o Brasil, em todos os anos analisados apresentou balança comercial deficitária para o produto (ALICE-Web/MDIC, 2012).

A Bahia, por sua vez, mesmo com taxa de crescimento negativa, em relação às exportações de cacau (83,8%), superou a observada em todo o país.

Além disso, a taxa de crescimento das importações do produto foi acentuadamente elevada, a saber: 420,4% entre 1997 e 2011. Esses achados permitem constatar a perda de participação do Estado no comércio do produto, tornando-se grande importador empenhado no atendimento de sua demanda interna (ALICE-Web/MDIC, 2012).

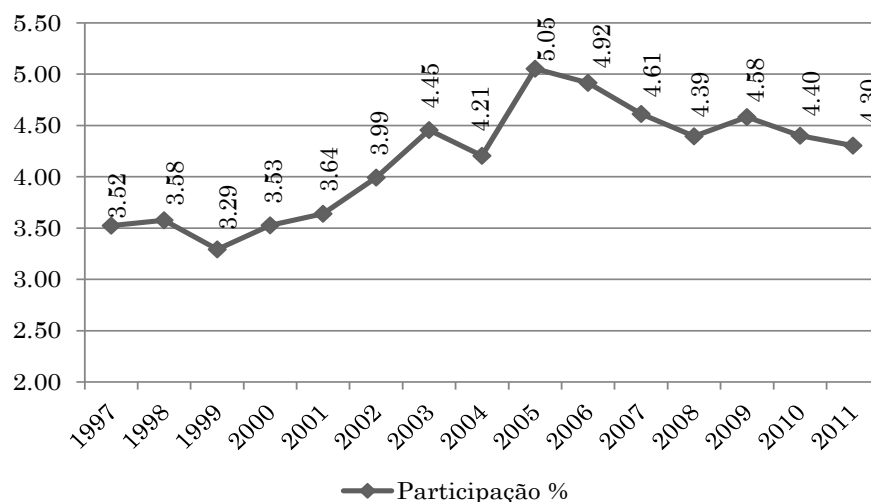
3 Exportações da Bahia e pauta de exportações de cacau

Conforme o gráfico 1, a oscilação da participação relativa das exportações totais da Bahia nas exportações totais do Brasil variou cerca de 1,76% entre seu mínimo e máximo, não ultrapassando, sob esse aspecto, o percentual de 5,05%. É evidente uma tendência lateral com um crescimento tímido dentro desses 15 anos sob análise.

A partir de 1999, os números das exportações brasileiras cresceram significativamente, como resultado do comportamento da taxa de câmbio brasileira a partir desse ano (Dias, 2007), e do crescimento da demanda internacional. Uma consequente crise de desvalorização do real provocou o cenário ideal para exportações e, alguns Estados, dentre eles a Bahia, sobressaíram, refletindo melhor desempenho em sua participação.

Em 2005, a Bahia atinge sua participação máxima impulsionada pelo *boom* dos produtos básicos, que aumentaram em cerca de 80% suas exportações (SECEX, 2009 - Exportações da Bahia). As seguidas quedas, até 2008, foram consequência de uma variação inferior à variação nacional, a saber: enquanto o Brasil variava a taxas de 16% a.a. em 2006 e 2007, a Bahia variou, nos mesmos anos, 13% e 9%, respectivamente: em 2008, a variação baiana foi de 17%, frente aos 23% do Brasil, até o ano em que é desencadeada a crise do *subprime* nos EUA, principal importador de produtos brasileiros.

Gráfico 1: Participação relativa das exportações da Bahia nas exportações total do Brasil – 1997-2011.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do sistema ALICE-Web/MDIC

Nessa ocasião, ficou evidente a fragilidade de Estados que possuem pouca diversificação em seus mercados consumidores, ficando sujeitos a períodos danosos provocados por dificuldades internas de seus parceiros comerciais. Desse ponto de vista, há a necessidade premente de ampliação das relações comerciais brasileiras com mais países. A menor dependência de limitados mercados pode permitir maior autonomia nossa nas relações comerciais. Isso reduz a vulnerabilidade aos choques de mercados.

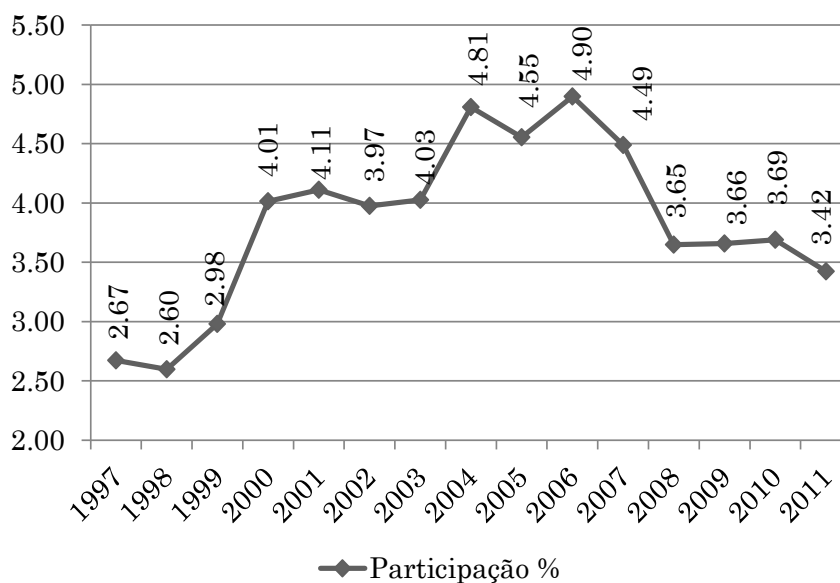
Em 2009, nota-se uma pequena recuperação pós-crise, impulsionada, em parte, pela grande demanda da China, que passa a ser, a partir de 2009, o principal importador de produtos baianos, porém a instabilidade internacional e o fato de o principal bloco econômico importador ser a União Europeia (EU) mantiveram a tendência de queda (SECEX 2009 - Exportações da Bahia).

Em relação à participação da Bahia nas importações totais do Brasil, os dados do gráfico 2 deixam claro que é pouco expressiva em relação ao observado nas exportações e um pouco mais oscilante ao longo dos anos analisados. O fato de a maior concentração de produtos importados serem matérias-primas para a indústria exportadora, principal setor produtivo baiano, transforma os números das importações em reflexos das expectativas de exportação, característica que explica a oscilação como resultado das incertezas futuras (Muth, 1961).

Observa-se nitidamente essa relação em 1999-2000 quando, impulsionadas pela expectativa de aumento das exportações após a implantação do câmbio flutuante, as importações decrescem cerca de 2% frente à redução de 13% das exportações em 1999 e, em 2000, já se registra o crescimento de 22% das exportações, abastecidas com os insumos comprados no ano anterior. A expectativa de um contínuo crescimento nos anos posteriores resulta em déficit nos anos de 2000 e 2001, registrando-se um aumento de 52% das importações em 2000. Essas importações viriam a abastecer a crescente produção.

O crescimento das importações baianas acima da média brasileira elevou sua participação gradativamente até o ano de 2006, quando expectativas ruins para as exportações futuras fizeram com que as importações reduzissem seu crescimento percentual anual, até que, em 2009, sofreram queda de 29% frente ao ano anterior. A elevação das importações em 2010 (cerca de 43,0%) não foi significativa para aumentar a participação, provocando, em 2011, queda de 0,27 pontos percentuais na participação, mantendo-se desse modo a tendência lateral de queda.

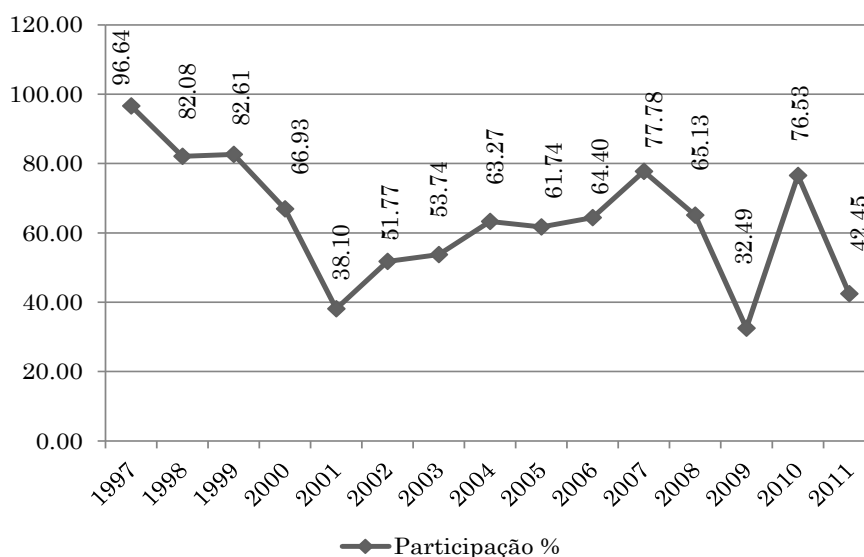
Gráfico 2: Participação relativa das importações da Bahia nas importações total do Brasil – 1997-2011



Fonte: Elaborados pelos autores a partir de dados do Sistema ALICE-Web/MDIC

Em relação às exportações de cacau, produto central observado nesse estudo, os dados do gráfico 3 mostram que a Bahia sempre se destacou por uma contribuição muito grande em relação às exportações desse produto, no montante brasileiro. No ano de 1997 alcançava o topo entre todos os anos analisados, com 96,64% de todo o cacau exportado pelo país.

Gráfico 3: Participação relativa das exportações de cacau da Bahia nas exportações total de cacau do Brasil – 1997-2011



Fonte: Elaborados pelos autores a partir de dados do Sistema ALICE-Web/MDIC

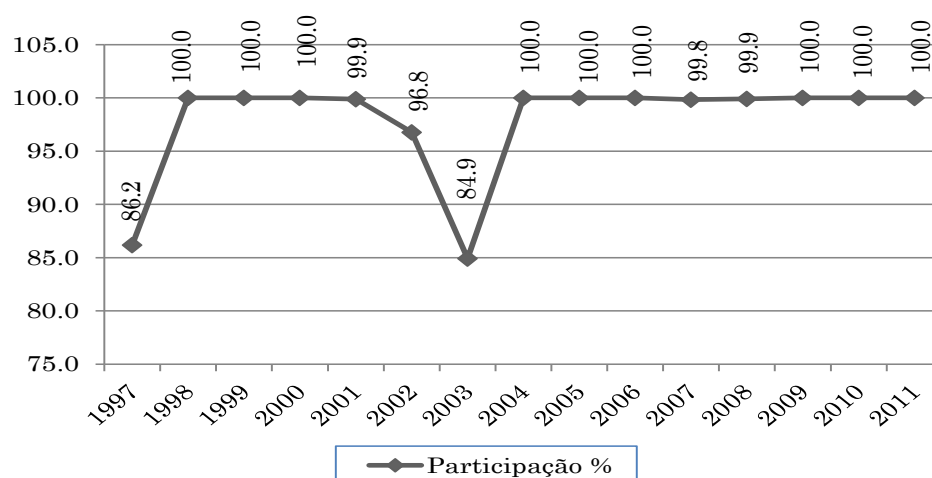
A partir daí, o Estado sofreu queda nessas participações pelo menos quatro anos seguidos. Isso ocorreu por conta das condições climáticas desfavoráveis nesse período e, principalmente, da entrada da doença “*vassoura-de-bruxa*” nas plantações no sul da Bahia, provocando acentuada queda de produção e produtividade, e ainda redução dos preços no mercado internacional. Esses preços voltaram a crescer gradativamente ano após ano (Tavares, 2009).

A partir de 2008, mais acentuadamente em 2009, observa-se uma queda significativa, causada pela crise internacional que fez com que um de seus maiores importadores cortasse uma grande fatia de consumo do produto. No ano seguinte, o setor se recupera; e mesmo com resquícios da crise, a Bahia registrou uma melhora nas exportações de cacau, causada pela performance econômica mundial em fase de recuperação econômica de alguns países como os EUA, o maior importador de produtos brasileiros.

Aos poucos o Brasil foi recuperando suas exportações, e, com isso, a Bahia como um de seus maiores produtores de cacau, um produto muito forte para as exportações, também voltou a crescer. No ano de 2011 uma nova queda na produção foi registrada, devido, mais uma vez, às condições climáticas adversas e ao desgaste das plantações após alguns anos de alta produção. Nesse ano o Estado registrou uma queda de cerca de 40% na sua safra, afetando significativamente a exportação do produto.

Considerando-se as importações de cacau da Bahia em relação às importações desse produto pelo Brasil, os dados do gráfico 04 mostram que, em 60% dos anos observados, o estado da Bahia é responsável por 100% das importações de cacau do Brasil e, nos 40% restantes, apresenta-se responsável por mais de 84%. Ou seja, além de ser um grande produtor de cacau, também compra um valor acentuadamente elevado do produto, nas condições especificadas nesse estudo, em relação ao país como um todo.

Gráfico 4: Participação relativa das importações de cacau da Bahia nas importações total de cacau do Brasil – 1997-2011



Fonte: Elaborados pelos autores a partir de dados do Sistema ALICE-Web/MDIC

A Bahia, porém, exporta o cacau de forma bruta, pois não tem parque industrial para o seu processamento. A maior parte do cacau produzido em todo o mundo é processado na União Européia, EUA e Costa do Marfim. Porém, o consumo nesses países ainda é baixo, fazendo com que a maioria do cacau processado seja reexportada para grandes consumidores, como o Brasil (Tavares, 2009).

O consumo muito grande de produtos derivados do cacau tem crescido muito na última década. Além de outros, cite-se o chocolate e diversos alimentos e cosméticos. Até a indústria farmacêutica passou a utilizar substâncias oriundas do cacau para produção de medicamentos (Tavares, 2009).

Algumas das grandes empresas de transformação de cacau estão localizadas exatamente no estado da Bahia, daí a grande necessidade de importação do produto pelo Estado, pois a produção nacional, de que essa unidade da federação detém a maior parte, não é suficiente para suprir a necessidade da indústria no processamento do produto importado. Destarte, justifica-se a importação em apreço (Tavares, 2009).

Todavia, cabe enfatizar que no ano de 1997 a Bahia já tinha uma fatia grande das importações do Brasil, e nos três anos seguintes se tornou o único importador nacional. No biênio posterior sofreu uma pequena queda, chegando a 84,9%, em 2003, mas já em 2004 voltou a ser o nosso único importador de cacau.

4 Notas metodológicas

Neste artigo, procura-se analisar a competitividade do Estado da Bahia nas exportações de cacau. Por esse âmbito, o conceito de competitividade segue a tradicional denominação teórica elucidada numa série de investigações, onde ela é definida como as variações da participação de uma região ou grupo de regiões no comércio internacional. Nessa perspectiva adota-se o proposto por Balassa (1965) e aperfeiçoado por Vollrath (1989).

No Brasil, há uma grande quantidade de pesquisas que utilizam esse método para avaliar a competitividade em vários produtos. Na agropecuária, destacam-se estudos de Carvalho (2001), Carvalho e Silva (1995; 2008), Nonnenberg (1995), Waquil *et al.* (2004), Vicente (2005) e Coronel (2007), dentre outros.

O índice de vantagem relativa nas exportações VRE_{pi} é normalmente empregado para observar o comportamento de uma região i nas exportações de um determinado produto p em um período de tempo previamente estabelecido. A expressão que constitui o cálculo comporta-se da seguinte forma:

$$VRE_{pi} = LN \left[\frac{X_{pi}}{X_{pr}} / \frac{X_{mi}}{X_{mr}} \right] \quad (1)$$

Onde:

X = as exportações;
 p = produto (cacau);
 i = região (Bahia);
 m = agregado de todos os produtos, excluindo-se p (cacau);
 r = todas as regiões (estados brasileiros), excluindo-se i (Bahia).

Quando $VRE_{pi} = 0$, tem-se que as exportações de cacau no total das exportações da Bahia são idênticas à observada no Brasil. Nesse caso, a Bahia não revela vantagem nem desvantagem na comercialização de cacau; se $VRE_{pi} > 0$, a Bahia revela vantagem na exportação de cacau; porém, se $VRE_{pi} < 0$, tem-se desvantagem.

No que concerne à competitividade revelada, esse índice é acentuadamente mais abrangente, levando em consideração todas as relações comerciais, sem necessariamente se deter nas exportações. Nesse caso, observam-se as importações e exportações de um setor comercializado pelo país ou região. Assim, o índice se constitui a partir da seguinte expressão:

$$ICRV_{pi} = LN \left[\left(\frac{X_{pi}}{X_{pr}} / \frac{X_{mi}}{X_{mr}} \right) / \left(\frac{M_{pi}}{M_{pr}} / \frac{M_{mi}}{M_{mr}} \right) \right] \quad (2)$$

Onde,

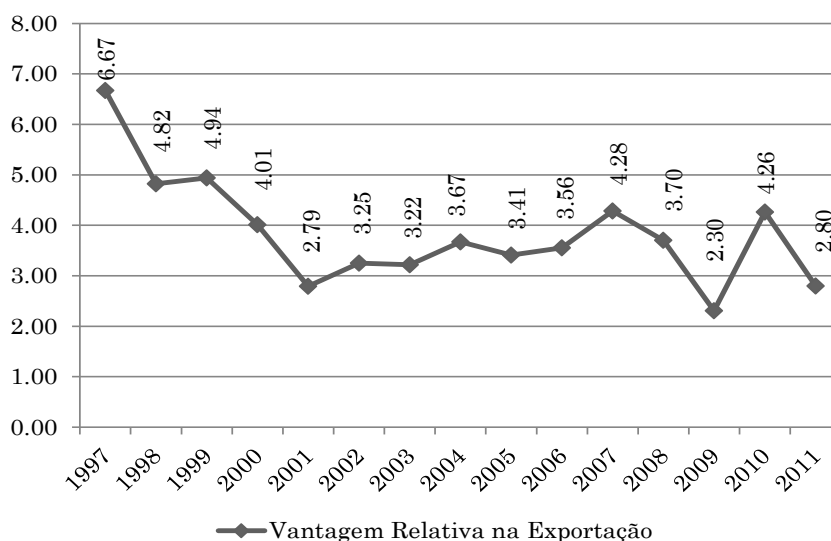
M = Importações;
 p = produto (cacau);
 i = região (Bahia);
 m = agregado de todos os produtos, excluindo-se p (cacau);
 r = todas as regiões (estados brasileiros), excluindo-se i (Bahia).

Para a interpretação do $ICRV_{pi}$, recorre-se à mesma lógica utilizada anteriormente para o VRE_{pi} . Desta feita, a seção seguinte analisará os dois indicadores apresentados como método empírico para o estudo.

5 Resultados e discussões

Em relação aos índices de vantagens relativas nas exportações de cacau do Estado da Bahia, os dados do gráfico 5 mostram que, no primeiro ano em observação, ele apresentou sua melhor performance chegando a 6,67 no valor do índice. A partir disso, as vantagens relativas nas exportações mostram redução acentuada com queda considerável já no ano seguinte, atingindo, em 1998, valor igual a 4,98.

Gráfico 5: Índice de vantagem relativa nas exportações de cacau: Bahia -1997-2011

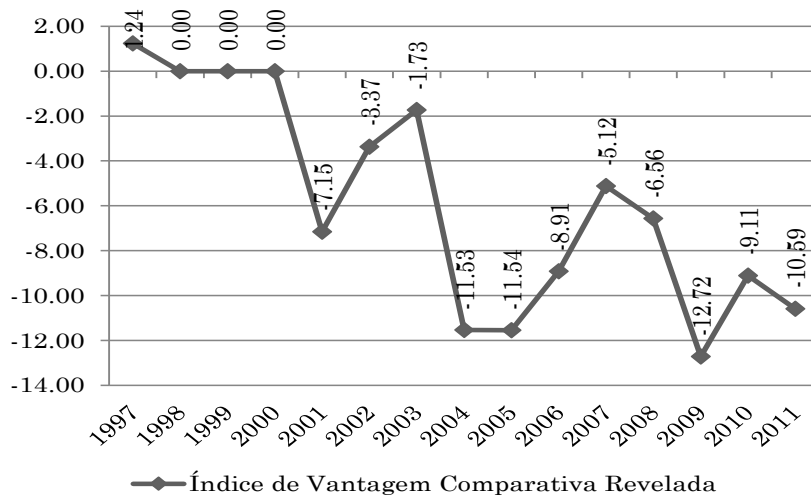


Fonte: Elaborados pelos autores a partir de dados do Sistema ALICE-Web/MDIC

A tendência de redução se acentua e o índice de vantagens relativas nas exportações de cacau da Bahia atinge 2,79, no ano de 2001, apresentando leve recuperação a partir de 2002. Porém, os efeitos da crise econômica internacional são mais devastadores e no ano de 2009 registra-se o menor valor observado em toda a série (2,30), com sinal de leve ascensão em 2010, mas apresentando já no ano seguinte redução do indicador.

Outrossim, os dados do gráfico 6 mostram que, apenas em 1997, o estado da Bahia teve vantagens comparativas reveladas nas exportações de cacau. Nos anos de 1998 a 2000 observou-se neutralidade em relação às vantagens comparativas reveladas nas exportações de cacau.

Gráfico 6: Índice de vantagem comparativa revelada: Bahia -1997-2011



Fonte: Elaborados pelos autores a partir de dados do Sistema ALICE-Web/MDIC

Conforme pode ser observado, a partir de 2001, o índice de vantagens comparativas reveladas apresentou-se negativo; com isso, tem-se que o Estado importa mais o produto do que o exporta. Assim, pode-se observar que a Bahia, mesmo tendo no sul do Estado uma das maiores áreas de produção de cacau do país, não apresenta vantagens comparativas nas exportações do produto.

6 Conclusões

O objetivo deste artigo foi analisar a competitividade do estado da Bahia nas exportações de cacau ao longo dos anos de 1997 a 2011. Por ser este o Estado de maior produção do produto, recorreu-se ao banco de dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-Web), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), para testar a hipótese de vantagens relativas e competitividade revelada.

Os principais resultados mostram que a participação das exportações do Estado no total do Brasil mantêm-se ao longo dos anos com pequenas oscilações. Assim é que sai de uma posição de 3,52%, no ano de 1997, para outra de 4,30% no ano de 2011. Já em relação às importações, os resultados indicam menor oscilação, bem como menor participação relativa no total importado pelo país. No primeiro ano foi registrada participação de 2,67% e, no último, de 3,42%, sendo o ponto máximo registrado em 2006, 4,90%, e o mínimo em 1998 (2,60).

Em relação às exportações de cacau, cerne central desta pesquisa, os principais resultados atestam ser o estado da Bahia o principal exportador de cacau, sendo que sua menor participação ocorreu em 2009, com 32,49% das exportações totais do produto no país. Seu melhor resultado foi constatado em 1997, quando foi responsável por 96,64% das exportações totais do produto em todo o Brasil. Porém, também é oportuno destacar que se apresenta como o grande importador, sendo que, na maioria dos anos, todas as importações do produto são feitas pelo Estado. Além disso, nos anos em que houve importações do produto por outros Estados brasileiros, essas ainda foram mínimas, não chegando, sequer, a 20% em nenhum ano.

Em relação às vantagens relativas nas exportações de cacau, a Bahia apresenta boa performance, uma vez que é líder absoluto nas exportações do produto em todos os anos observados. Porém, em relação às vantagens comparativas reveladas, o indicador mostrou-se negativo, já que é mais importador do que exportador de cacau. Isso o faz apresentar desvantagem em relação à competitividade do produto.

Referências

- ALICEWEB. *Estatísticas diversas*. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/alice.asp>>. Acesso em: 16 ago. 2012.
- Balassa, B. Trade liberalization and revealed comparative advantage. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, nº 33, may de 1965.
- Balsadi, O. V. Evolução das Ocupações e do Emprego na Agropecuária do Centro-Oeste Brasileiro no Período de 2001-05. *Informações Econômicas*, SP, v. 39, nº 1, janeiro, p.32-40, 2009.
- Carvalho, A. M.. Políticas públicas e competitividade na agricultura. *Revista de Economia Política*, v. 21, Nº 1, 2001.
- Carvalho, A. M.; Silva, C. R. L.. Mudanças na pauta das exportações agrícolas brasileiras. *RER*, Rio de Janeiro, vol. 46, nº 01, p. 053-073, jan/mar, 2008.
- Carvalho, A. M.; Silva, C. R. L.. Políticas agrícolas dos países desenvolvidos. *Informações econômicas*, São Paulo, V. 25. 1995.
- Coronel, D. A.; Machado, J. A. D.; Dutra, A. S.. Os modelos de equilíbrio parcial como apoio à tomada de decisão no agronegócio brasileiro: uma análise a partir dos modelos de vantagens comparativas reveladas e orientação regional. XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, **Anais...** Londrina, 2007.
- Dias, R. F. Dias. Qual o destino das exportações baianas? *Conjuntura & Planejamento*, nº 157, p.64-71, out./dez. 2007.
- Muth, J. F.. *Rational expectations and the theory of price movements*. Disponível em: <<http://gillesdaniel.com/Papers.html>>. Acesso em: 18 set. 2012.
- Nonnemberg, M. J.. Competitividade e crescimento das exportações brasileiras. Texto para discussão Nº 578, Rio de Janeiro, agosto de 1998.
- SECEX. *Balança comercial por Unidade da Federação*. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 13 set. 2012.
- Tavares, M. F. F.. Agregação de valor no Cacau: o caso da cacau show. In: www.espm.br/centraldecases. Acesso em outubro de 2012.
- Vicente, J. R.. Competitividade do agronegócio brasileiro, 1997-2003. *Agric. São Paulo*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 5-19, jan./jun, 2005.
- Vollrath, T. L.. Competitiveness and protection in world agriculture. *Agriculture Information Bulletin*, nº 567, USDA, July 1989.
- Waquil, P. D; Alvim, A. M.; Silva, L. X.; Trapp, G. P.. Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a união europeia. *Revista de Economia e Agronegócio*, vol.2, nº 2, 2004